

# Guia de Avaliação para a Aprendizagem de Inglês por Crianças: elaboração e instrumentos de avaliação

*Guide for the Assessment of Children's English  
Learning: from the development to the suggestion of  
assessment instruments*

Eleonora Sonoda Gomes<sup>1</sup>

Juliana Reichert Assunção Tonelli<sup>2</sup>

**Resumo:** Com a crescente oferta do ensino de inglês para os anos iniciais do ensino fundamental, algumas demandas surgem no âmbito da formação de professores para atuar nesse contexto. Uma dessas demandas é refletir sobre a avaliação para a aprendizagem da língua inglesa nessa fase de escolarização. Usualmente, quando nos referimos à avaliação, pensamos em provas escritas que servem às finalidades somativas que revelam uma nota final. No entanto, a literatura especializada mostra a importância da avaliação processual que possa indicar para o aluno e para o professor o desenvolvimento da criança; no nosso caso, no que

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Letras Inglês na Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Fundação Araucária (FA). ORCID ID 0000-0002-0051-682X E-mail: eleonora.sonoda@uel.br.

<sup>2</sup> Professora Associada na Universidade Estadual de Londrina. Atua no curso de Letras Inglês e nos programas de pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) e Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM). ORCID ID: 0000-0001-5102-5847. E-mail: jtonelli@uel.br.

tange à aprendizagem da língua inglesa. Nesta pesquisa, analisamos com mais atenção à autoavaliação para a aprendizagem como conceito que explora o ato de refletir, com a ajuda do docente, sobre o seu próprio percurso de aprendizagem e também como instrumento de emancipação do aprendiz criança. Os objetivos da pesquisa foram: 1) discutir a autoavaliação como uma proposta no ensino e na avaliação para a aprendizagem de inglês para crianças, e 2) sugerir adaptações de atividades para realizá-la em sala de aula de língua inglesa com crianças. Para isso, foram analisados excertos de transcrições da gravação de um curso voltado à educação de professores e professoras de inglês que atuam ou desejam atuar junto a crianças. A partir da literatura especializada e dos dizeres tematizados pelas cursistas, foram sugeridas adequações em atividades que possam ser utilizadas na avaliação para a aprendizagem. Conclui-se que a adequação de instrumentos de avaliação é uma prática que necessita ser promovida entre professores e professoras de inglês com crianças e que, por ser pouco utilizada no Brasil, a autoavaliação necessita ser mais bem explorada, em especial, no contexto em que a pesquisa foi desenvolvida.

**Palavras-chave:** Inglês; Crianças; Autoavaliação; Instrumentos.

**Abstract:** *With the increasing offering of English teaching to the initial years of schooling, some demands arise in the context of teachers' education to act in this context. One of these demands is to enable reflections on the English language learning assessment. Usually when we talk about evaluation, we think of written tests that serve summing purposes providing a final note. However, the specialized literature shows the importance of continuous assessment that can indicate to the student and to the teacher the child's development, in our case. In this research we focused on self-assessment for learning as a concept that explores the act of reflecting, with the help of the teacher, on the children's own learning path and as an instrument for the emancipation of the child apprentice. The objectives of the research were: 1) to discuss self-assessment as a proposal in teaching and evaluation for learning English for children, and 2) to suggest adaptations of activities to perform it in the English language classroom with children. For this, we analyzed excerpts from transcripts of the recording of a course aimed at the English teachers' education who work or wish to act with children. From the specialized literature and the sayings by the course participants, adjustments were suggested in activities that can be used in the assessment for learning. It is concluded that the adequacy of assessment instruments is a practice that needs to be promoted among those who are teaching English with children and that, since it is not widely used in Brazil, self-assessment needs to be better explored, especially in the context where the research was developed.*

**Keywords:** *English; Children; Self-evaluation; Instruments.*

## Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa desenvolvida em nível de iniciação científica<sup>3</sup> e tem como objetivos: 1) discutir a autoavaliação como uma proposta no ensino e na avaliação para a aprendizagem de inglês para crianças, e 2) sugerir adaptações de atividades para realizá-la em sala de aula de LI com crianças.

É cada vez mais constante e presente no cenário brasileiro a procura pela aprendizagem de língua inglesa para crianças (LIC). Considerada como o meio da comunicação internacional, o conhecimento da língua inglesa (LI) é visto como uma competência básica, um recurso para que usuários da língua no mundo todo tenham acesso a outras culturas e possam acessar conhecimentos veiculados nessa língua.

Amplamente difundida na sociedade contemporânea, a LI passou a ser considerada como essencial tanto para fins acadêmicos, quanto para relações sociais. A nosso ver, a concepção de língua interfere, diretamente, na autoavaliação, incluindo por crianças, objeto de nossa discussão, uma vez que o entendimento de língua assumido influencia na natureza das atividades que serão propostas. No que se refere ao conceito de língua, concordamos com a perspectiva do inglês como língua franca (LF), uma vez que o idioma tem sido considerado global (SIQUEIRA; BARROS, 2013; FINARDI; PORCINO, 2014).

No caso da LF, por afastar-se da ideia de que o inglês a ser estudado é aquele falado, majoritariamente, nos Estados Unidos ou na Inglaterra, um modelo padronizado, quando trazido para o campo de LIC, deixa de imprimir um caráter rígido sobre as crianças. Além disso, a concepção de inglês como LF pode contribuir para maior inclusão entre seus falantes, pois a comunicação torna-se possível entre qualquer um.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), documento mais recente que organiza a educação básica em nosso país, também assume

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada na Universidade Estadual de Londrina no período de agosto de 2020 a julho de 2021. Considerando as questões éticas acerca de coautoria, ressaltamos que, por ser fruto da pesquisa em nível de iniciação científica da primeira autora, este artigo foi coconstruído pelas autoras a partir das reflexões durante e após o processo de orientação.

o inglês desse modo e afirma que “Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais” (BRASIL, 2018, p. 241). Isso demonstra o potencial emancipatório adquirido pela LI ao longo dos anos, o qual foi um dos fatores que pode ter contribuído para que o idioma se tornasse global e, conseqüentemente, cada vez mais procurado pelas pessoas, incluindo o interesse desde a infância.

Embora nesta pesquisa o foco não seja discutir uma ou outra concepção de língua, ou o *status* assumido por ela, julgamos relevante pontuar o impacto que tal aspecto pode ter na avaliação em LIC. Ao considerar a perspectiva de língua inglesa afastada de um suposto falante ideal, a BNCC (BRASIL, 2018) possibilita, a nosso ver, que outros tipos de avaliação possam ser adotados para verificar a aprendizagem da língua, incluindo por crianças pequenas.

Embora a BNCC não mencione o ensino de línguas na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental (1º a 5º ano), conforme discutem Tonelli e Avila (2020), esse documento tem sido utilizado para nortear a oferta do idioma em muitos contextos em que esta já acontece. No que se refere à avaliação, ainda que a Base não aponte modelos ou formas de como realizá-la, compreendemos ser possível buscar no referido documento maneiras de adaptar tanto o ensino de LIC quanto encontrar caminhos para avaliar a aprendizagem.

No entanto, é preciso ponderar que para fazer todas estas adaptações, em muitos casos, caberá ao docente responsável pela disciplina, tomar decisões de como colocá-las em prática. A esse respeito, importa ter em vista que, conforme vem sendo discutido por pesquisadoras da área (TONELLI; CRISTOVÃO, 2010; CIRINO; DENARDI, 2019), que há carência na formação de professores e professoras para atuar no ensino de LI nos anos iniciais (educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental). Isso acontece, pois durante a graduação, são poucos os cursos de letras que incluem disciplinas que possibilitam esta formação especializada (GALVÃO; KAWACHI-FURLAN, 2021). Assim, os graduandos não recebem um enfoque direcionado à sua preparação para ministrar aulas nestas etapas da escolarização e, no que se refere às

possíveis maneiras de avaliar, tal formação fica ainda mais carente (NIKOLOV, 2016).

Entendendo, então, que dentre as múltiplas tarefas de docentes que atuam no ensino de LIC está também a avaliação *da* ou *para a* aprendizagem (TONELLI; BUENO, 2019) e, uma vez que a aprendizagem infantil é multifatorial e abrange aspectos cognitivos, afetivos e sociais, é imprescindível que, ao avaliar crianças, sejam consideradas também as individualidades dos aprendizes desta faixa etária (CAMERON, 2001; KAWACHI-FURLAN; ROSA, 2020). Surge, dessa forma, a necessidade de elaborar diferentes maneiras de ensino e outros modos de avaliar. Dentre eles, está a autoavaliação que, conforme Butler (2016), embora pouco utilizada, pode, dentre outros aspectos, desenvolver a autonomia da criança para a aprendizagem de LIC, conforme nos orienta Cameron (2001).

Este artigo está estruturado em cinco partes. Além desta parte introdutória, na primeira, apresentamos o referencial teórico utilizado. Na segunda parte, trazemos o percurso metodológico e, na sequência, indicamos, conforme nos propusemos, sugestões de atividades que podem ser utilizadas na autoavaliação em LIC. Por fim, traçamos nossas considerações finais.

## **Avaliação de Línguas: precisamos falar sobre o assunto**

Falar sobre avaliação na área educacional é essencial, incluindo no ensino de línguas. Quando na graduação, não fazemos ideia de quão amplo é o seu conceito, assim como os diversos meios de utilizá-la na prática, visto que ainda ficamos muito presos à ideia de que as provas e os testes são os principais modelos de instrumentos de avaliação disponíveis.

O processo de ensino e aprendizagem está intimamente ligado com a avaliação. Neste artigo, utilizamos o termo avaliação para a aprendizagem (ApA), com foco na aprendizagem de LIC, visando trazer novas perspectivas no que tange ao significado da avaliação, sua importância e como praticá-la. A ApA (SILVA, 2013; BUTLER; LEE, 2010; ANDRADE; DU, 2007) de LI constitui-se como fator crucial para determinar o desempenho dos estudantes não só de acordo com os resultados acadêmicos esperados em sala de aula, mas também

como meio de identificar se o conteúdo que está sendo ensinado está ou não adequado às necessidades dos alunos. Apesar de pouco abordada no Brasil, a ApA possibilita à criança mais independência em relação ao modo como ela enxerga o seu processo de ensino e de aprendizagem na sala de aula. Nessa perspectiva, ela deixa de assumir uma postura passiva, tornando-se protagonista de sua aprendizagem, conforme discutido por Tonelli e Bueno (2020).

Cada criança tem o seu próprio tempo e ritmo de aprendizagem e cada idade consiste em uma fase do desenvolvimento infantil (NIKOLOV, 2016; MORAES; BATISTA, 2020) e, com o intuito de respeitar essas peculiaridades, torna-se fundamental encontrar modos distintos de realizar avaliação em sala de aula. Cada idade consiste em uma fase do desenvolvimento infantil, e é essencial que o professor leve também em consideração cada um desses estágios no momento de avaliação (McKAY, 2006; NIKOLOV, 2016). A esse respeito, Moraes e Batista (2020) estruturam as diferentes fases do desenvolvimento infantil em crescimento físico, cognitivo, emocional e social, vulnerabilidade e letramento, considerando que “eles estão interligados e que um age sobre o outro” (MORAES; BATISTA, 2020, p. 22).

Em relação às características do desenvolvimento físico da criança, os autores evidenciam que, dos cinco aos sete anos, a criança ainda não possui coordenação motora fina, grossa e óculo-manual completamente definida, as quais são mais desenvolvidas a partir dos dez aos 12 anos de idade, enquanto

(...) o desenvolvimento cognitivo da criança parte de uma visão mais concreta e limitada do mundo para uma mais abstrata e abrangente, ou seja, nas primeiras fases as tarefas de avaliação devem explorar muito mais as experiências da própria criança, do seu universo, para depois abordar temas mais distantes de sua realidade. (MORAES; BATISTA, 2020, p. 24).

No que tange ao desenvolvimento social e emocional atrelado à questão da vulnerabilidade, nota-se que

(...) crianças mais novas ainda estão desenvolvendo suas habilidades de sociabilidade, portanto tarefas de avaliação que exijam interação em pares ou em grupos devem ser priorizadas com crianças mais velhas, que são também

mais aptas a cooperar, além de terem mais consciência social. (MORAES; BATISTA, 2020, p. 27).

Todas estas características do jovem aprendiz devem ser observadas, atentamente, pelo professor que, por sua vez, baseando-se nelas, poderá formular quais serão os objetivos do ensino, as atividades a serem trabalhadas e quais critérios de avaliação serão adotados. Por meio de objetivos claros e bem delimitados, o docente toma as melhores decisões para garantir que a criança esteja aprendendo significativamente. Por sua vez, nos contextos em que não há autonomia para reformular objetivos de ensino<sup>4</sup>, conhecer as fases do desenvolvimento infantil e considerá-las nas práticas pedagógicas, pode contribuir para que ajustes nos modos de lidar com o aprendiz criança sejam revisitados. É por esse motivo, então, que o letramento em avaliação é um aspecto essencial no processo em questão (TONELLI; QUEVEDO-CAMARGO, 2019; MORAES, BATISTA; 2020).

O letramento em avaliação promove no professor um entendimento mais amplo acerca do que significa avaliar, a razão de praticá-la, o que deve ser avaliado e como fazê-lo. Além disso, está diretamente associado ao desempenho de diversas capacidades de maneira crítica, reflexiva e efetiva nas inúmeras práticas cotidianas, como apontam Moraes e Batista (2020).

Embora as provas e os testes configurem-se como um meio rápido de avaliar o desempenho dos alunos, é necessária a aplicação de outros instrumentos avaliativos, principalmente quando nos referimos a crianças (BREWSTER, ELLIS; GIRARD, 2002; CAMERON, 2001; ROCHA, COSTA; SILVA, 2006; SCARAMUCCI, 1997). Tal fato se justifica porque de acordo com o Ministério da Educação, no texto *Educação Infantil: subsídios para a construção de uma sistemática de avaliação* (BRASIL, 2012, p. 16), temos o seguinte:

A avaliação será sempre da criança em relação a si mesma e não comparativamente com as outras crianças. O olhar que busca captar o desenvolvimento, as expressões, a construção do pensamento e do

---

<sup>4</sup> Como, por exemplo, em algumas escolas de idiomas onde os planos de aulas são pré-determinados.

conhecimento (etc.) deve identificar, também, seus potenciais, interesses, necessidades, pois, esses elementos serão cruciais para a professora planejar atividades ajustadas ao momento que a criança vive. (BRASIL, 2012, p. 16).

Isso demonstra, a nosso ver, o quanto a avaliação é um processo subjetivo e complexo, o qual deve levar em conta as individualidades de cada criança. Neste âmbito, trazemos, neste artigo, a autoavaliação como recurso igualmente eficiente para promover melhor compreensão acerca do processo de ensino e aprendizagem da LI, pois trata-se de um tipo de avaliação que pode criar maior interação entre alunos e professor e também entre os alunos. Por meio da autoavaliação, pode-se criar espaços para maior participação dos alunos entre si e com o professor no ambiente escolar, tornando-os mais autônomos e permitindo que eles possam partilhar suas próprias experiências (GRILLO et al., 2010). É importante ressaltar que o propósito da autoavaliação não é simplesmente que o aluno atribua a si mesmo determinada nota ao final do processo de ensino e aprendizagem. Autoavaliar-se abrange muito mais do que se dar uma nota. Significa refletir, criticamente, a respeito do desenvolvimento pessoal do aluno no decorrer do estudo.

Estudos mostram que a autoavaliação permite ao professor verificar a aprendizagem de modo mais justo e igualitário, possibilitando participação ampla e coletiva dos estudantes no decorrer do processo de ensino e aprendizagem (SANTOS, 2002; VIEIRA, 2013), proporcionando-lhes, assim, a chance de exprimirem suas opiniões e ideias. Todavia, como assegurar que a autoavaliação da criança está sendo executada corretamente? Como saber qual a melhor maneira de exercê-la, bem como sua eficácia em sala de aula?

No âmbito da linguística aplicada, campo onde este estudo está inserido, algumas pesquisas vêm sendo desenvolvidas na área de avaliação em LIC. Tonelli e Bueno (2019) propõem, por exemplo, a elaboração de uma grade de critérios avaliativos norteadores (GCAN) para ser usada com o intuito de orientar a avaliação e a redação de pareceres descritivos (PD) como forma de registrar o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes em aulas de LIC. A autoavaliação poderia ser muito eficaz se aplicada utilizando outros instrumentos propostos para avaliar a aprendizagem de LIC, como a confecção de uma grade



de registro da avaliação da oralidade (ANDRADE, 2016), o uso do portfólio (PÁDUA, 2016) e sequências didáticas (TONELLI; PÁDUA, 2016).

Outra maneira de avaliar a aprendizagem de LIC é por meio de rubricas. A rubrica<sup>5</sup> pode também ser um instrumento de autoavaliação do processo de ensino e de aprendizagem, por meio da formulação de critérios específicos estabelecidos, a fim de avaliar o desempenho dos educandos em diferentes tarefas ou produtos, tal como evidencia Biagiotti (2005).

Todos estes instrumentos podem orientar a autoavaliação, pois é a partir dos resultados obtidos que o professor pode promover momentos em que as crianças, no caso desta pesquisa, tenham a oportunidade de olhar para a sua própria aprendizagem e ponderar se consideram que avançaram no processo de aprendizagem ou não.

Outra importante ferramenta que o professor pode utilizar na sala de aula é o uso do *feedback*, momentos em que o professor esclarece dúvidas e responde aos questionamentos dos estudantes, bem como avalia seu desempenho e evolução. Arelado às críticas construtivas, o *feedback* pode tornar-se uma importante ferramenta em relação à avaliação (FLUMINHAN; MURGO; FLUMINHAN, 2018). Além disso, deve-se destacar o fato de que o *feedback* não precisa, necessariamente, ser um momento em que apenas o professor avalia a performance do aluno, como muitos imaginam. É fundamental que o professor dê abertura para que o aluno se sinta confortável para tirar suas próprias dúvidas e discutir sobre o *feedback* recebido, fazendo desse um momento de troca e aprendizado mútuo entre professor e aluno. O *feedback* não precisa ser apenas positivo, pode também mostrar os erros dos alunos. Contudo, o professor deve ser cauteloso com o modo e o desenvolvimento deste *feedback*, principalmente ao lidar com crianças. Neste sentido, o *feedback* pode compor a autoavaliação na perspectiva da ApA.

É necessário que o professor saiba, antes de mais nada, os princípios centrais que devem nortear o processo avaliativo a fim de avaliar a

---

<sup>5</sup> De modo geral, a rubrica assemelha-se à grade de critérios, mas apresenta um nível de detalhamento maior. Enquanto a grade contém os critérios de avaliação mais gerais, a rubrica traz mais especificidades sobre os níveis de desempenho na realização de tarefas específicas.

aprendizagem em LIC de modo justo e consistente (GIRALDO, 2021; AQUINO; TONELLI, 2017), os quais são: 1) praticidade: ter consciência do custo do material a ser usado, se é fácil ou não o aplicar e se possui um procedimento específico, entre outros; 2) confiabilidade: saber como o aluno se encontra no momento da aula, como está se sentindo, quais são os critérios mais adequados para se avaliar testes; se o ambiente onde a avaliação é feita é apropriado (ruídos, iluminação, calor, além de outros fatores que podem influenciar o desempenho dos alunos); 3) validade, que pode ser dividida em validade de conteúdo, validade de critério, validade de construto, validade de consequência e validade de face; 4) autenticidade dos testes: se as atividades propostas se aproximam da realidade dos alunos, se a linguagem é clara e de fácil compreensão, se o teste está organizado em uma sequência lógica, entre outros e; 5) *feedback*, que é uma prática enriquecedora tanto para o aluno, quanto para o professor, promovendo uma reflexão não somente do desempenho do aluno, como também do papel de avaliador do professor.

Todos esses aspectos podem auxiliar o professor a ter uma ideia do quão vasto é o processo avaliativo, de que ele vai além da elaboração de instrumentos, pois engloba questões como o valor do material de escolha e sua disponibilidade ou falta na instituição onde o docente leciona; o estado emocional em que a criança se encontra, o que conseqüentemente exerce grande influência em sua aprendizagem; a adequação das atividades criadas pelo professor a serem realizadas pelos alunos, entre outros fatores que podem vir a influenciar diretamente sobre o ato de avaliar e ser avaliado.

Neste artigo, conforme dito anteriormente, apresentamos orientações, adaptações e sugestões de atividades para que o professor possa usá-las na autoavaliação de seus alunos.

Posto isto, na próxima seção, detalhamos como estas atividades foram idealizadas.

## **Percurso metodológico**

Por conta do ainda atual isolamento social vivenciado pela humanidade por causa da pandemia do coronavírus, esta pesquisa foi conduzida

remotamente. Os dados foram gerados a partir das gravações das aulas realizadas durante os encontros síncronos do curso *Going the extra mile*: desenvolvendo a autoavaliação para a aprendizagem de LIC<sup>6</sup>, realizado durante os meses de setembro a dezembro de 2020. Com um total de 35 pessoas<sup>7</sup>, as gravações foram feitas com o consentimento dos participantes e, em seguida, procedemos à transcrição de partes de alguns encontros para que pudessem subsidiar nossas reflexões.

O curso contou com carga horária teórica e prática, totalizando 40 horas, com encontros quinzenais, via a plataforma *Google Meet*. Além disso, foi dividido em dez níveis no total, com temas referentes à avaliação de modo geral e, depois, focou na autoavaliação para a aprendizagem de LIC. Durante sua realização, os participantes elaboraram apresentações de instrumentos de autoavaliação de habilidades de compreensão e produção escrita e orais específicas para LIC.

O objetivo do curso foi oferecer aos professores de LIC, em contextos de ensino distintos, uma formação continuada no campo da avaliação de línguas, em especial com enfoque na autoavaliação. O curso foi organizado em dez módulos e, em cada um deles, foi abordado um aspecto essencial para a avaliação da aprendizagem de LIC<sup>8</sup>.

No módulo 1, os participantes foram introduzidos ao curso e ao conceito de avaliação; no módulo 2, foram abordadas as rubricas; no módulo 3, discutiu-se sobre os princípios de avaliação de línguas e efeito retroativo; no módulo 4, o tema abordado foi a avaliação para a aprendizagem de línguas por crianças; no módulo 5, foi discutida a autoavaliação versus autorregulação; o módulo 6 tratou acerca da autoavaliação para a aprendizagem; o módulo 7 teve como foco a autoavaliação para a aprendizagem das habilidades de compreensão e

---

<sup>6</sup> O referido curso faz parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento de Thais Rossafa Tavares Balbino, sob a supervisão da Profa. Dra. Juliana R. A Tonelli. Importa ressaltar que ambas as investigações estão ligadas às ações do Grupo de Pesquisa FELICE (Capes-CNPq).

<sup>7</sup> Por questões éticas, não foram identificadas pelo nome verdadeiro, mas nos referimos a elas por meio de codinomes.

<sup>8</sup> Essa investigação, em nível de iniciação científica, foi desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa 'Avaliação da aprendizagem de línguas estrangeiras nas séries iniciais de escolarização', cadastrado na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, sob número 11779, apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. CAEE 07609319.4.0000.5231.

produção escrita, com a respectiva apresentação das atividades feitas pelos participantes no módulo 8; no módulo 9 foi discutida a autoavaliação para a aprendizagem das habilidades de compreensão e produção oral, e por fim, no módulo 10, ocorreu a apresentação de tais atividades criadas pelos participantes, finalizando o curso.

Deste modo, o presente estudo assume caráter qualitativo, pois em conformidade com Mason (2022), o método para geração de dados é sensível ao contexto social em que eles são produzidos, tendo como método de análise, explicação e argumentação a compreensão situada, que leva em consideração as nuances, riquezas e peculiaridades do contexto em questão.

Para atingir nosso primeiro objetivo - discutir a autoavaliação como uma proposta no ensino e na avaliação da aprendizagem de LIC - apresentamos, a seguir, fragmentos de depoimentos de alguns dos participantes para refletirmos sobre como eles veem a avaliação no contexto de LIC em suas próprias práticas. Importa esclarecer que os dizeres dos participantes do referido curso não foram objeto de nossas análises, mas nos deram subsídios para sustentar a importância de sugerirmos modos alternativos para avaliar crianças pequenas no âmbito de LIC.

Desta maneira, iniciamos abordando o princípio da praticidade. No fragmento 1, a seguir, apresentamos os dizeres da participante Margarida a esse respeito:

### **Fragmento 1**

“Eu não consigo xerox pra todos os meus alunos, de uma folha, colorida, com as imagens, eu fiz mas não vai ser possível, eu vou ter que imprimir na minha casa se eu quiser.” (Margarida, 08/10/20, Nível 3).

Conforme Tonelli e Quevedo-Camargo (2019), dependendo do contexto de ensino em que o professor está inserido, a impressão (em papel) de atividades a serem realizadas pelos estudantes não pode ser feita na escola e isso acaba restringindo o uso de instrumentos autoavaliativos por parte do professor. Isso nos leva a refletir sobre o fato de que nem sempre o docente terá disponibilidade dos materiais que utilizará em suas atividades na instituição de ensino onde leciona, e materiais como folhas coloridas, lápis de cor, cola e

tesoura são escassos ou são indisponíveis, como no caso de Margarida (fragmento 1). Ao elaborar suas atividades de autoavaliação, é importante que o professor tenha em mente que, muitas vezes, terá de adquirir os materiais necessários fora do ambiente escolar, por conta própria, uma vez que a escola, muitas vezes, não os oferece em quantidade suficiente para suprir as demandas de uso.

No entanto, não só a falta de recursos materiais pode colaborar para o receio de utilizar a autoavaliação na aula de LIC. É também importante que, após a autoavaliação, o professor saiba como promover *feedback* formativo, oferecendo e disponibilizando momentos em que ele e seus alunos possam refletir sobre os resultados da aprendizagem dos conteúdos. Considerando o caráter formativo e colaborativo do processo de autoavaliação da aprendizagem, é imprescindível que o aluno saiba como foi o seu desempenho.

A esse respeito, a participante Rosa - fragmento 2 - alerta para o fato de que a ausência de *feedback* construtivo em sala de aula pode levar a autoavaliação a se reduzir a uma prática tradicional:

## **Fragmento 2**

“Ah, a avaliação é um gesto colaborativo, ela tem que ser intencional, todos os lados devem saber o propósito, por que que você tá fazendo aquilo, e aí, quando nós, né, estamos estudando, nos colocando nessa situação de fazer uma avaliação, mesmo com toda essa teoria de avaliação processual, formativa, da importância da autoavaliação, quando você é colocado em uma situação avaliativa, é a classificatória tradicional”. (Rosa, 08/10/20, Nível 3).

Desta feita, partindo das percepções de Rosa, fica notório que, independentemente do tipo de avaliação utilizado, o resultado dela pode perpetuar seu caráter tradicional.

Retomando a problemática envolvida na ausência de recursos materiais, alternativamente, o professor pode também adaptar aqueles que serão usados nas atividades de autoavaliação propostas, de acordo com sua disponibilidade e preferência. É preciso analisar o ritmo dos alunos, quais são suas respostas e reações enquanto o professor explica a matéria para identificar a melhor maneira de realizar a autoavaliação, bem como os meios necessários a fim de que ela

ocorra efetivamente. Tal questão parece ficar clara no fragmento 2 e, por meio da fala de Rosa, podemos identificar os desafios vivenciados na realidade de sala de aula de LIC.

Uma atividade que o nível de desempenho dos alunos é determinado, por exemplo, por meio do uso de ‘carinhas’ - uma sorrindo e outra sorrindo com a língua para fora, por exemplo - demonstra a progressão do entendimento do aluno perante o conteúdo ensinado, o que ele compreendeu ou não. A atribuição de ‘carinhas’ – que podem ser adesivos ou carimbos - pode auxiliar a percepção do aluno, promovendo a reflexão e criticidade próprias do processo de se autoavaliar (BUTLER, 2016).

O professor deve, no entanto, ser cauteloso caso atribua carinhas para registrar o desempenho do aluno, pois nem todas as crianças irão reagir do mesmo modo, o que pode levá-las a se sentirem desconfortáveis e “fora do padrão”, como apontado pelo participante Primavera no fragmento 3, a seguir:

### **Fragmento 3**

“... Ah, eu trabalho na escola aqui, eu faço estágio de pedagogia, não é de inglês e eu tomo muita leitura das crianças e eu tenho que falar que tá bom, ótimo, tudo aí... a professora vem e fala assim: Ó, você vai avaliar eles (os alunos) com a leitura e se for bom você coloca o carimbo sorrindo, se foi mais ou menos você coloca um carimbo triste, não tinha um meio termo, então o primeiro carimbo triste, a criança chorou e eu fiquei mal porque ela tava chorando, a professora ficou meio mal porque a criança começou a chorar, a chorar demais, demais, eu falei assim: Nunca mais uso esse carimbo na minha vida. Que eles não tinham um meio termo pra eu usar ali, porque não foi ruim, mas também não foi ótimo pra eu colocar um carimbo sorrindo. E eu não sabia nada do que tava fazendo, a professora, também não sei, a criança também e muito menos ainda”. (Primavera, 08/10/20, Nível 3).

Durante o curso, Primavera refere-se a uma atividade na qual ele deveria avaliar a performance dos alunos por meio do uso de carimbos contendo uma carinha sorridente e uma carinha triste. É possível notar como o ato de atribuir uma ‘carinha’ triste fez a criança se sentir mal e chateada, ao ponto de fazê-la chorar; provocando incômodo também no participante Primavera, e na professora. Ao invés de utilizar carinhas, outra maneira de fazer essa atividade

para avaliar e registrar o desempenho do estudante em determinada tarefa poderia ser o auxílio de cores, como o verde, o amarelo e o vermelho, presentes nos semáforos. A cor verde, nesse exemplo, poderia demonstrar que o aluno não teve dificuldades de entender o conteúdo; a amarela que o aluno entendeu a mensagem, porém teve algumas dificuldades; e a cor vermelha indicaria que o aluno não entendeu grande parte ou nada do que foi trabalhado.

A seguir, apresentamos, como exemplos, algumas atividades autoavaliativas possíveis de serem utilizadas pelo professor em sala de aula de LIC. Para isso, trazemos uma descrição das atividades seguida de uma imagem exemplificando como esta se concretiza.

### Atividade 1:

*Can-do Statements*, atividade impressa em formato de tabela com sentenças relacionadas ao conteúdo estudado, onde os alunos assinalam com um ‘x’ o que já sabem fazer sozinhos sobre a aula, o conteúdo, ou o que aprenderam durante o bimestre, possibilitam ao aluno um momento em que ele reflita acerca do que já estudou ou ainda está estudando, podendo identificar pontos que podem avançar, conforme ilustrado no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1:** Can-do statements

<b>I CAN</b>	
Marque com um ‘x’ as atividades que você considera que consegue realizar sem ajuda	
<b>X</b>	Eu consigo identificar as frutas quando vejo seus nomes em inglês no livro.
	Eu consigo escrever os nomes das frutas em inglês.
	Eu consigo dizer qual é a cor de cada fruta em inglês.
	Eu consigo dizer se a fruta é grande ou pequena em inglês.

Fonte: as autoras.

### Atividade 2:

*Exit Tickets*, atividade impressa onde, ao final de cada aula, ou como e/ou quando o professor preferir utilizá-los, dependendo de seu contexto de ensino, o professor entrega um *ticket* para cada aluno que, após respondido, é colado nos cadernos das crianças. O objetivo dos *tickets* é fazer com que os alunos reflitam

sobre sua aprendizagem, utilizando sentenças como: “*Eu já sabia...*”, “*Hoje eu aprendi*” e “*Eu ainda não entendi*”, que também podem ser modificadas de acordo com as necessidades dos alunos e do professor, bem como o contexto de ensino. Esta atividade pode ser utilizada com crianças de diferentes faixas etárias, pois, no caso de crianças pequenas que não conseguem ler, por exemplo, o professor pode ler as frases e ajudá-las a colar ou assinalar os tickets, conforme os exemplos a seguir:

**Figura 1:** Exemplo de atividade 1



Fonte: as autoras

**Figura 2:** Exemplo de atividade 2

**Qual(is) método(s) você usou para aprender na aula de hoje?**

- ( ) Anotei o conteúdo mesmo sem o(a) teacher pedir.
- ( ) Relacionei o conteúdo com algo do meu dia-a-dia.
- ( ) Coloquei em prática o que aprendi fazendo a tarefa sozinho(a).
- ( ) Fiz um desenho ou resumo dos pontos principais para lembrar.
- ( ) Fiz perguntas para o(a) teacher sobre o conteúdo.

The illustration shows a glowing yellow lightbulb with rays emanating from it, positioned above an open book with its pages slightly curved as if being turned.

Fonte: as autoras



## Atividade 3:

*Student-Generated Questions*, atividade que pode ser realizada individualmente ou em grupo, cujo objetivo é fazer com que a criança reflita sobre o que vê, praticando a ação de questionar, desenvolvendo, assim, o pensamento crítico sobre o que a cerca bem como sobre si mesma. Nessa atividade, que pode ser feita tanto impressa quanto digitalmente, o professor deve selecionar imagens sobre o conteúdo estudado e pedir aos alunos para elaborar uma ou até três perguntas com base nas imagens. Por fim, o professor recolhe as perguntas, faz uma seleção das perguntas que mais apareceram, por exemplo, e as retomam nas próximas aulas.

A nosso ver e, pautadas nos conceitos disseminados pela literatura da área, tais sugestões de atividades autoavaliativas permitem aos alunos expressarem suas dúvidas, indicar os pontos que entenderam ou não da aula; elaborar perguntas e trabalhar em grupos. Além disso, podem ser realizadas com o auxílio de diferentes ferramentas de pesquisa *online*, em casos de ensino remoto, tais como os aplicativos *Google Forms*, *Kahoot*, *Jeopardy*, *Canva*, entre outros.

## Considerações finais

A avaliação faz parte do nosso dia a dia. No âmbito da avaliação em contexto de línguas adicionais com crianças, é preciso lançar mão de atividades alternativas que possam indicar aprendizagem, mas também mostrar as adequações que precisam ser feitas no instrumento de avaliação e também nos procedimentos de ensino. Sendo assim, avaliar deve indicar também meios de atender as necessidades dos alunos e de todo um sistema educacional que inclui docentes, gestores, pais.

Ao participarmos de um curso de extensão voltado à educação de professores e professoras de LIC sobre os possíveis modos de avaliar, enfocamos a autoavaliação como uma possibilidade de levar o aprendiz a conhecer seu desenvolvimento na LI.

Ao longo do curso, tivemos contato com docentes que, ao expressarem suas dúvidas e incertezas em como usar a autoavaliação para a aprendizagem,

ratificaram a necessidade da formação específica sobre como avaliar crianças pequenas aprendendo uma língua adicional. Considerando o contexto que temos vivido, em decorrência da pandemia pela COVID-19, práticas docentes precisaram ser revistas e adequadas. No que tange à avaliação para a aprendizagem, concepção adotada nesta pesquisa, professores e professoras de LIC foram obrigados a encontrar outros modos de acompanhar o desenvolvimento dos alunos.

A partir da literatura especializada e dos dados colhidos durante o curso, apresentamos algumas sugestões de atividades avaliativas que, ao se afastarem da noção de língua como código e estrutura, podem auxiliar discentes e docentes nesta tarefa tão importante que é avaliar não o produto, mas todo o processo vivenciado pelas crianças. Sendo assim, nesta pesquisa, discutimos a autoavaliação como uma proposta no ensino e na avaliação para a aprendizagem e sugerimos adaptações de atividades para realizá-la em sala de aula de LIC com a esperança de que possam auxiliar professores e professoras que atuam nesse contexto e contribuir com pesquisas futuras na área.

## Referências

ANDRADE, Bárbara. **Avaliação na produção oral de língua estrangeira para crianças**: uma proposta de acompanhamento do processo de aprendizagem.

2016. 58 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras

Modernas) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ANDRADE, Heidi; DU, Ying. Student responses to criteria-referenced self-

assessment. **Assessment & evaluation in higher education**, v. 32, n. 2, p.

159-181, 2007. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2007-03165-005>.

Acesso em: 29 mar. 2022.

AQUINO, Aline; TONELLI, Juliana Reichert Assunção. Ensino de língua inglesa para crianças: um olhar sobre o desenvolvimento de atividades. **REVELLI-**

**Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, v. 9, n. 4, 2017. Disponível

em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/6746>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BIAGIOTTI, Luiz Claudio Medeiros. Conhecendo e aplicando rubricas em avaliações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 12., 2005, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: ABED, 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/007tcf5.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Educação Infantil: Subsídios para a construção de uma sistemática de avaliação**. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11990-educacao-infantil-sitematica-avaliacao-pdf&category\\_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11990-educacao-infantil-sitematica-avaliacao-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192).

BREWSTER, Jean; ELLIS, Gail; GIRARD, Denis. **The Primary English Teacher's Guide**. London: Penguin, 2002.

BUTLER, Yuko. Self-assessment *of* and *for* young learners' Foreign Language Learning. In: NIKOLOV, Marianne (Org.) **Assessing young learners of English: Global and local perspectives**. Springer: Cham, 2016. p. 292 – 315.

BUTLER, Yuko; LEE, Jiyoona. The effects of self-assessment among young learners of English. **Language testing**, v. 27, n. 1, p. 5-31, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0265532209346370?journalCode=ltja>. Acesso em: 27 mar. 2022.

CAMERON, Lynne. **Teaching English to Young Learners**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CIRINO, Dayane Rita de Souza; DENARDI, Didiê Ana Ceni. Há espaço para o ensino de Inglês para crianças no currículo de cursos de Letras Português-Inglês? **Sêmima: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 40, n. 2, p. 209-224, 2019. Disponível em:

<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/35703/26726>.

Acesso em: 27 mar. 2022.

FINARDI, Kyria Rebecca; PORCINO, Maria Carolina. Tecnologia e metodologia no ensino de inglês: impactos da globalização e da internacionalização. **Ilha do Desterro**, n. 66, p. 239-283, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2014n66p239>. Acesso em: 27 mar. 2022.

FLUMINHAN, Carmem Silvia Lima; MURGO, Camélia Santana; FLUMINHAN, Antonio. O feedback como ferramenta avaliativa e motivadora no processo de aquisição de língua estrangeira. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 43-58, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/16810>. Acesso em: 27 mar. 2022.

GALVÃO, Ana Sara; KAWACHI-FURLAN, Cláudia Jotto. Formação de professores de inglês para a Educação Infantil: Estratégias curriculares em universidades federais do Brasil. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 1- 11. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/38982>. Acesso em: 28 mar. 2022.

GIRALDO, Frank. A Reflection on Initiatives for Teachers' Professional Development Through Language Assessment Literacy. **Profile Issues in Teachers Professional Development**, v. 23, n. 1, p. 197-213, 2021.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1692/169265649013/html/>.

Acesso em: 27 mar. 2022.

GRILLO, Marlene Correro; GESSINGER, Rosana Maria; FREITAS, Ana Lúcia Souza de; CÔRTEZ, Helena Sporleder; HARRES, João Batista Siqueira; CAMPOS, Márcia de Borba; LIMA, Valderez Marina do Rosário. **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

KAWACHI-FURLAN, Cláudia Jotto; ROSA, Marina Márcia. Mitologia do ensino-aprendizagem de inglês para crianças. **Revista Estudos em Letras**, v. 1, n. 1, p. 7-20, 2020. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/estudosletras/article/view/5940>.

Acesso em: 27 mar. 2022.

MASON, Jennifer. **Qualitative researching**. London: Sage Publications, 2002.

McKAY, P. **Assessing young language learners**. Cambridge: University Press, 2006.

MORAES, Isadora Teixeira; BATISTA, Estogildo Gledson. Letramento em avaliação para professores de línguas estrangeiras para crianças: orientações teórico-práticas. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 19, n. 2, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/26804>. Acesso em: 27 mar. 2022.

NIKOLOV, Marianne. A framework for young EFL learners' diagnostic assessment: 'Can-do statements' and task types. In: NIKOLOV, Marianne (Org.) **Assessing young learners of English: Global and local perspectives**. Springer: Cham, 2016. p. 65-92.

PÁDUA, Livia Souza. **O portfólio como instrumento avaliativo no ensino-aprendizagem de língua inglesa para crianças**. 2016. 56 fls. Trabalho de Conclusão (Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf; COSTA, Leny; SILVA, Kleber Aparecido. Inglês para crianças do Ensino Fundamental: visões implícitas da avaliação proposta por um livro didático e as crenças dos professores. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 6, n. 2, p. 79-112, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/YSqMj7ZF9p8j85JscwZchBt/?lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SANTOS, Leonor. Auto-avaliação regulada: porquê, o quê e como? In: ABRANTES, P.; ARAÚJO F. (Orgs.). **Avaliação das Aprendizagens**. Das concepções às práticas. Lisboa: ME, 2002. p. 75-84.

SCARAMUCCI, Matilde Virginia Ricardi. Avaliação de rendimento e ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO,

José Carlos Paes de. (Org.). **Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1997. p. 75-88.

SILVA, Liliana Raquel Barros. **A autoavaliação: um pilar para o sucesso dos alunos**. 2013. Tese (Doutorado) – Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Educação, 2013.

SIQUEIRA, Sávio; BARROS, Kelly Santos. Por um ensino intercultural de inglês como língua franca. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 2, n. 48, 2013. Disponível em:  
<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/14536>. Acesso em: 27 mar. 2022.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção; BUENO, Bruna Alessandra Graef. O parecer descritivo na avaliação do ensino e da aprendizagem de crianças aprendendo inglês como língua estrangeira. **PERcursos Linguísticos**, v. 9, n. 23, p. 110-129, 2019. Disponível em:  
<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/27895>.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção; BUENO, Bruna Alessandra Graef. A autoavaliação como instrumento para o ensino-avaliação-aprendizagem de língua inglesa para crianças. **Revelli - Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, v. 12, 2020. Disponível em:  
<https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/10177>.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. O papel dos cursos de Letras na formação de professores de inglês para crianças. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 65-76, 2010. Disponível em:  
<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/159>. Acesso em: 27 mar. 2022.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção; PADUA, Lívia de Souza. A sequência didática como uma proposta de instrumento de avaliação de aprendizagem de inglês para crianças. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 52, p. 508-530, dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/67124>. Acesso em: 27 mar. 2022.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção; QUEVEDO-CAMARGO, Gladys. Saberes necessários ao professor para avaliar a aprendizagem de crianças na sala de aula de línguas estrangeiras. **Fólio – Revista de Letras**, v. 11, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/folio.v11i1.5134>. Acesso em: 27 mar. 2022.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção; AVILA, Paula Aparecida. A inserção de línguas estrangeiras nos anos iniciais de escolarização e a Base Nacional Comum Curricular: silenciamento inocente ou omissão proposital? **Revista X**, Curitiba, v. 15, n. 5, p. 243- 266, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/73340/41884>. Acesso em: 28 mar. 2022.

VIEIRA, Isabel Maria Antunes. **A autoavaliação como instrumento de regulação da aprendizagem**. 2013. 153p. Dissertação (Mestrado em Supervisão Pedagógica) – Universidade Aberta, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/10400.2/2934>. Acesso em: 27 mar. 2022.

Recebido em: 09-01-2022

Aprovado em: 29-03-2022